

## Relatório de pesquisa

País: Cabo Verde

Elaborado por: Júlia Furtado

Maria Teresa Araújo

## Introdução

*"Um dos erros mais sérios, se não o erro mais grave, cometido por poderes coloniais na África, pode ter sido ignorar ou subestimar a força cultural dos povos africanos."<sup>1</sup>*

*"A libertação nacional é necessariamente um ato de cultura"*

A Guiné-Bissau é um país multicultural com mais de 26 línguas faladas numa população de menos de 2 milhões, a incrível riqueza imaterial é cada vez mais reconhecida a nível internacional. Este facto é indispensável a ideia de resistência deste país pois foi um dos factores indispensáveis a ideia de independência colonial liderada por Amílcar Cabral, herói da pátria e fundador do PAIGC, grupo que liderou a frente na guerra contra Portugal, com importância internacional Amílcar Cabral compreendia a ideia de que só uma revolução cultural poderia trazer a independência a todo o continente africano. Um artigo do público justifica exatamente Amílcar Cabral como o libertador de África.<sup>1</sup>

Neste contexto pode-se afirmar que ainda hoje, na Guiné-Bissau, a Cultura é vista como a fonte da libertação de um povo, sendo ainda hoje lembrado por muitos artistas como fonte de desenvolvimento pela população que assume a sua cultura, bem como forma de resistência, identidade e desenvolvimento social.

A presente secção da pesquisa, sobre a Guiné Bissau, dedica especial importância ao registo de formas de dança populares que criam o repertório do Carnaval, festividade de afirmação cultural Guineense, procurando documentar e descrever esta forma de arte sem esquecer de pesquisa cultural de manifestações que podem desaparecer.

A seguir estão documentadas formas de dança tradicional que, por alguma razão, não foram incorporadas no Carnaval e mantêm a sua utilização exclusivamente nas tabancas onde, em

---

<sup>1</sup> <https://www.publico.pt/2020/03/07/mundo/noticia/amilcar-cabral-segundo-maior-lider-mundial-bbc-1906813>

breve, deixarão de existir. A ilha Formosa é um desses casos. Situada no arquipélago dos Bijagós, um diamante cultural e geográfico da Guiné Bissau devido às suas particularidades enquanto povo mágico das ilhas. Poucos estudos existem, como em todo o país, para conseguir documentar todo o conhecimento que estas ilhas contêm. Por esta mesma razão este trabalho foi feito em parceria com o grupo Nô Cultura, grupo de dança tradicional guineense sediado nas Ilhas dos Bijagós.

## Música

A música foi o vector de disseminação da união guineense através de Carlos Schwartz. ([Bissau](#), Dezembro 6, 1949 – [Havana](#), Maio 27, 1977). Combatente cultural pela independência do país, Carlos estudou em Lisboa e teve um papel cultural tão importante como político. Dentro do contexto musical Carlos segue a influência de outros músicos africanos ao incorporar influências de jazz e da salsa cubana num diálogo com a diáspora africana na americana, fruto da escravatura.

Assim ao desenvolver uma música guineense de características com influências fora do tradicional, traz-se a ideia de uma música urbana moderna com relações internacionais aos palcos e introduz uma novidade que marcaria o poder da sua música de "intervenção" cantada em crioulo. O crioulo, dialeto derivado do português, passa então a ter um papel fundamental na união dos povos com divergências étnicas. Ao cantar na língua que unifica todos os países na luta contra a divisão e fraqueza do povo guineense, Carlos consegue criar uma música contemporânea de grande referência a nível contemporâneo, enquanto moderniza a união do povo Guineense. Com músicas como [Ke ki mininu na tchora](#), [Mindjeris di panu pretu](#) e [Djiu di Galinha](#), Carlos conta ao seu próprio povo a história do sofrimento diante da guerra colonial com uma emoção, honestidade e beleza de renome internacional.

Ke Ki Mininu Na Tchora	Si bu sta diante na luta ai	Mindjeris de pano preto
Ke Ki Mininu Na Tchora Ke ki mininu na tchora? I dur na si kurpu	Si bu sta diante na luta ai Pasa diante po Finkanda purmeru dubi ai	Mindjeris de pano preto Ka bo tchora pena

Ke ki mininu na tchora?	Di kasa ki no misti kumpu	Si kontra bo pudi
I sangui ki kansa odja	Si bu sta diante na luta ai	Ora ke un son di nos fidi
	Nin ka bu djubi tras	Bo ba ta rasa
Pastru garandi bin	Pega tarsadu bu pabi ai	Pa tisinu no kasa
Ku si ovus di fugu	Pega radi bu labra	
Pastru garandi bin	Si bu sta diante na luta ai	Pabia li ki no tchon
Ku si ovus di matansa	Nin ka bo djungutu	No ta bai nan te
	Si bu panti si bu diskuda	Bolta di mundu
Montiaduris ki ka kunsidu	Pubis na fikau i ka ta maina	I rabu di pumba
E iara e fuguia na tabanka	Si bu sta diante na luta ai	
Montiaduris pretus suma nos	Nin ka bu pera ningin	Ma bo na limpa korson
E iara e fuguia na bulanha	Mara bu bariga bu sufri	Ku no sangi
Matu kema	Na bo ki no na djubi	Ki na kai na tchon
Kasa kema	Na bo ki no spidju	
Dur, dur, dur na no alma		
Dor, dor, dor na nossa alma		

### *O Gumbé, Legado de Carlos*

Carlos Schwartz criou a Escola Nacional de Música na Guiné que existiu até 1998, onde estudaram músicos de renome. A abertura musical ajudou a criação do estilo de Música Gumbé, uma música urbana fora dos contextos tradicionais que ainda hoje trabalha com alegria as questões eternas do país. O Gumbe é um dos estilos mais famosos na Guiné e grandes nomes da música incluem: , [Justino Delgado](#), [Manecas Costa](#), [Djidji Di Malaika](#) e [Super Mama Djombo](#) entre outros.

### *A Tina*



UNIÃO EUROPEIA



Outra forma de Música de carácter tradicional, mas que se tem vindo a desenvolver no país com vista a um som mais urbano e como forma de denúncia e partilha de problemas até hoje é a Tina, forma musical usada para denunciar os problemas, um bom exemplo contemporâneo que partilho a título de legado de todo este movimento musical com o intuito de continuar o processo de desenvolvimento e independência do país é Pache de Rima com a sua música:

#### PATCHE DI RIMA TINA MEDLEY TRIBUTO A MANDJUANDADI

<https://www.youtube.com/watch?v=SucfnDxFCNc>

Tina tradicional

<https://www.youtube.com/watch?v=3UjuYd81074>

<https://www.youtube.com/watch?v=YRI AeBqz8yI>

Tina tem o seu nome derivado do instrumento musical de percussão, composto por um bidão com uma cabaça ao contrário, cujo músico dá golpes com a mão aberta ou o punho fechado, seguido de um grupo normalmente de mulheres que tocam com o instrumento. Juntam-se ainda dois pedaços de madeira que acompanham o ritmo principal da Tina. Este começa com um ritmo mais lento e com um compasso ternário tocado em 1, 2 e 3, para depois dividir a terceira em meios tempos. Esta aceleração controla a principal parte da música que se divide entre estas duas partes com uma voz alta seguida de um coro que repete a frase principal da música.

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Tina\\_\(instrumento\\_musical\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Tina_(instrumento_musical))

#### **Carnaval o carnaval Nturudo**

O Carnaval na Guiné Bissau, seguiu o caminho tradicional do Carnaval em outras colónias e inclusive no Brasil, com o objetivo de criar uma festa popular que desde a sua existência na Idade Média utiliza diversos processos simbólicos incluindo a simbologia invertida do conceito antropológico que propõe a mudança de papéis na sociedade como forma de processo de aceitação do papel de cada elemento dentro de sua comunidade. O exemplo mais concreto deste fenómeno é feito por homens a vestirem-se de mulher. Conceito também muito utilizado em Portugal, por exemplo.



Na Guiné o Carnaval vai mais longe e explora os símbolos secretos dos diferentes grupos étnicos que partilham assim a identidade de um país. O Nturudo é a manifestação cultural guineense com maior impacto em todo o país e um legado de paz e comunicação dos diferentes povos, ele representa o conhecimento multicultural e fomenta a comunicação do povo guineense lado a lado com o crioulo. A importância desta manifestação popular traz ao centro da cidade elementos de rituais dos diversos grupos e serve de comunicação e sentido de identidade ao povo guineense.

*“the function of secret symbols (...) is to synthesize ethos (the moral and evaluative elements of a culture) and worldview (the cognitive orientations about the order of self, society and the world).”<sup>1</sup>*

*“a função dos símbolos secretos (...) é a de sintetizar o ethos (a moral e a avaliação dos elementos de uma cultura) e a visão do mundo (orientações cognitivas sobre o Eu, a sociedade e o mundo).”*

Na Guiné este teve o papel de criar uma coesão social indo buscar fontes tradicionais nas músicas dos diferentes grupos étnicos. A Guiné é um país multicultural com forte colonização. No Porto de cacheu eram enviados para a colónia brasileiras e vários escravos trazidos de diferentes tribos. Esta riqueza de diferentes línguas e tradições deu continuação a uma obsessão colonial em diferenciar e, por seguinte, reinar que concedeu a riqueza étnica da forma de vida e contextos políticos e religiosos que mais tarde seriam usados como desculpa a conflitos bélicos mais próximos da eterna luta pelo poder em África, mas tinham da diversidade as suas desculpas.

O Carnaval assume a etnicidade como um factor próprio, mas, certamente, em vez de alimentar divergências utiliza a própria riqueza cultural para uma comunicação e disseminação geral criando uma grande ponte de identidade e orgulho na nação guineense constantemente atacada na sua própria identidade por uma opressão secular de uma agressividade bélica particularmente agressiva.

O Carnaval resgatou, recriou e recuperou a ideia da própria identidade deste povo e sem negar o próprio poder político desta forma de arte. Criada pelos portugueses como forma de controle cultural ao mesmo tempo de desfile de poder de um império, aos senhores do país envolvidos em corrupção e lutas políticas cuja vítima principal sempre foi o povo.

Mesmo assim a cultura ultrapassa as ideologias e fundamentos políticos do poder e ao sair às ruas o Carnaval tornou-se de facto o ritual de um povo na sua procura de identidade do passado e esperança pelo futuro, transformando-se num evento cultural de importância mundial que ainda hoje surpreende pela sua particularidade.

## ***Etnicidade***

“No discurso científico sobre os conflitos internos dos países africanos durante o período colonial, bem como no próprio discurso do governo colonial, o elemento étnico ocupava uma posição central. Este elemento explicava (...) uma série de dificuldades encontradas pelo próprio poder colonial para afirmar o seu domínio sobre o território (...) uma característica do atraso das sociedades africanas (...).”<sup>2</sup>

O Carnaval que começou como uma mostra exótica dos territórios coloniais desenvolve um sentido de pertença e diversidade do próprio homem com uma riqueza que possibilita os guineenses de fugir de conflitos bélicos instigados pelas elites ou poderes externos ao mesmo tempo que mantém a promessa de um povo que resiste sendo uma das principais fontes de orgulho nacional. Assim sendo, vemos o Carnaval como uma ferramenta colonial que foi raptada pelo povo numa pré-revolução cultural às palavras do próprio Amílcar Cabral que ultrapassa qualquer poder político e está longe de justificar qualquer atrocidade passada ou futura. Na Guiné as pessoas sabem que nunca foi a diversidade étnica que alimentou a guerra civil feita pelos famosos senhores da guerra com poderes infinitos e, como acontece actualmente, o apoio cego dos governos internacionais sempre preocupados em explorar o nosso continente.

## ***A dança e música clássica da Guiné Bissau***

A única companhia de dança, o Ballet Nacional criado nos anos 70, criou um repertório de danças tradicionais tiradas dos seus contextos de tabanca (dança espiritual feita no campo em rituais de nascimento, maioridade, casamento e morte) e arranjou cânones de movimento que através do Carnaval Nacional, maior festa da Guiné Bissau, se tornaram conhecidos e dançados por toda a população.

Há que convir que, tal como foi argumentado nas notas introdutórias deste relatório, as manifestações artísticas das comunidades colonizadas por Portugal, no caso em apreço, as comunidades da Guiné Bissau, foram difusoras e conservadoras de expressões performáticas que permitiram que o povo oprimido pudesse se manter resistente e resiliente na opressão colonial-fascista.